

PORTFÓLIO/RELATO

PROJETO PEDAGÓGICO

# O Riso de Quem?

LINCOLN AGUIAR SANTOS

## Portfólio do Projeto Pedagógico “O Riso de Quem?”

### APRESENTAÇÃO

Use sua fantasia para evocar a seguinte situação:

Você está suspirando numa tarde como outra qualquer, porém, não estamos no século XXI, e sim, no século XIX. Imagine como seria a sua casa nesse período histórico. Quem seria você? Onde exatamente viveria? Será que teria uma casa? Bem... isso você irá decidir.

Voltemos a imaginar a tarde do século XIX e afunilar ainda mais o recorte temporal: nesse momento, as elites brasileiras estão pressionando o Príncipe Regente a declarar a independência do país, porém, há algo mais acontecendo que incomoda a coroa e você pode ajudar. Sim, você! Isso porque é uma pessoa conhecida pela forte habilidade de dedução e pelas capacidades investigativas.

Por isso, no momento em que você suspira pela tarde um jovem carteiro lhe entrega uma correspondência oficial, com remetente da “VII Tribuna da

### Projeto Pedagógico “O Riso de Quem?”

Professor: Lincoln Aguiar Santos

Série: 9º ano (Ensino

Fundamental II)

Escola: Colégio da Polícia Militar

Prof. Poeta Luis Neves Cotrim

Cidade: Jequié-BA

Ano: 2019

Duração: 3 meses

Neo-Côrte Regencial Brasileira”, assinada por um homem chamado Francisco de Paula Brito.

### (Imagem 1 – Carta de Francisco De Paula)

E é aqui que começa a sua história... ou não. Tudo depende do que você irá decidir a partir de agora. Vale a pena aceitar o convite de Paula Brito e investigar a possível “conspiração dos escravos”? Ou é melhor ignorar a carta?

Esse foi o recurso de pré-texto utilizado para iniciar a prática que une, na pedagogia da imaginação, a dramaturgia de Martins Pena, o RPG e o drama processo (CABRAL, 2006). O presente

Rio de Janeiro, 16 de Maio de 1847

Ilmo(a) Sr.(a),

Recorrida a estranheza do momento, vimos convocar, por meio desta, vossa senhoria a comparecer à VII Tribuna da neo-côrte regencial brasileira. Em tempo, explico-lhe o acontecido:

Tomado de nosso conhecimento, fora interceptada certa carta de um negrinho à sua dita “Mada”, escrava de um mercador capturada em fuga:

“Mada,

Serta vez disse que ia busca’ o rio de janeiro a ri ou chora’

Pois pre’-aviso, amo meu:

Vingansa farei a tu e os noço. Foge manhã, me encontra na boca do rio, sedo venha, so’, bonsorte,

Temendo o avanço de retaliação da negrura, e’ necessidade de Nosso Imperador o vosso serviço enquanto investigador em potencial das agruras mundanas. Esperamos encontrar-te dentro de um mês na cidade do Rio para iniciarmos as nossas atividades investigativas.

Com esmero, fica o aguardo de sua estadia na cidade maravilhosa (caso seja estrangeiro destas terras),

Francisco de Paula Brito

escrivão da VII Tribuna da Neo-côrte regencial brasileira.

relato/portfólio tem o intuito de descrever e detalhar os caminhos, processos e reverberações do projeto pedagógico desenvolvido por mim no CPM Prof. Luis Neves Cotrim, no ano de 2019, na cidade de Jequié-BA, com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II, intitulado “O Riso de Quem?”.

O portfólio está dividido em três partes, a saber: I) Antes da piada; II) Relatos de investigação; e III) O salto pela janela.

Na seção “Antes da piada”, faço uma introdução acerca das práticas adotadas, procedimentos e ferramentas pedagógicas, assim como contextualizo local e bibliograficamente a aplicação do projeto. Aqui serão discutidos os conceitos do drama processo, do RPG como ferramenta pedagógica, o teatro de Martins Pena, a fantasia e a imaginação, etc. Nesta sessão, também, relato o que me motivou a iniciar as práticas com o 9º ano, quais análises prévias tinha em mãos, entre outros fatores importantes para entender o pré-projeto.

Na segunda seção, “Relatos de investigação”, nós percorreremos um tipo de resumo expandido (por assim dizer) do enredo de “O Riso de Quem?”, afinal, o projeto consistia em narrar uma história em conjunto com início, meio e fim. Portanto, a ideia é que possamos conhecer qual é essa história, seus personagens e os desdobramentos que alcançamos durante a experiência vivenciada em 2019. Tudo isso à luz dos diários de bordo disponibilizados pelos estudantes que participaram das atividades.

Na última seção – O salto pela janela – concluo brevemente a análise dos resultados e reverberações alcançadas pela aplicação do projeto em sala de aula durante o segundo trimestre. A escolha do título “o salto pela janela” vem da referência de Gianni Rodari (1982), que analisa a entrada na realidade como uma passagem pela porta, e a fantasia como um salto pela janela.

Antes de iniciar o relato, é importante salientar um detalhe: o ritmo e estética da escrita deste portfólio segue o princípio da prática utilizada no projeto “O Riso de Quem?”. Portanto, existe uma mistura entre uma leitura acadêmica e narrativa. A ideia é a de que o leitor possa experimentar a ação fantástica da própria mente enquanto lê um relato de experiência com fantasia – uma prática que venho utilizando na escrita há algum tempo. É importante, assim, que quem lê permita-se à fantasia enquanto acompanha o que é descrito.

Nesse portfólio, o personagem-narrador (eu-lírico) se chamará “Matias”. Ele é um jovem pesquisador, estudante de história, que encontra registros deixados por um professor de teatro da década passada. Nele, o professor relata as práticas desenvolvidas numa escola pública do interior da Bahia. Matias se interessa pelo processo e começa a tecer comentários enquanto narra sua experiência. O personagem funciona como um “eu” distanciado e fala em primeira pessoa, me permitindo tratar de minhas próprias práticas na terceira pessoa, sem perder a força do relato ou esquecer a importância dos conceitos, descrições e reflexões da prática desenvolvida.

Podemos começar a nossa história?

## **ANTES DA PIADA**

Eu poderia ter deixado aqueles arquivos passarem em claro, porém, não consegui. Eu quis saber o que, porque e como o professor Lincoln havia trabalhado com seus estudantes um assunto como o escolhido. Meu nome? Matias. Sou um estudante de história da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, do semestre 2032.1. Há alguns meses encontrei alguns arquivos que continham um relato de experiência acerca de um projeto

denominado “O Riso de Quem?”. Me interessei pelo tema e comecei a pesquisar à fundo a prática do professor idealizador da atividade: Lincoln Aguiar.

Lincoln se formou na mesma universidade que eu, a UESB, no campus de Jequié. Licenciado em Teatro, começou a dar aulas desde 2014, porém, tornou-se um professor do estado, de fato, em 2019, quando iniciou a docência com a disciplina Arte(s) no Colégio da Polícia Militar Prof. Poeta Luis Neves Cotrim – na ocasião chamado de CPM Prof. Magalhães Neto. Trabalhou com as séries de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II e 1º e 2º anos do Ensino Médio. Porém, o que me interessa nesse relato é sua prática com o 9º ano do fundamental.

Nos primeiros diagnósticos do primeiro trimestre do ano, trabalhando com a performance arte, Lincoln percebeu o quanto os estudantes do 9º ano eram potentes criadores, ao proporem intervenções artísticas e performáticas no ambiente da escola (ainda mais por se tratar de um Colégio da Polícia Militar). Porém, um outro fator que mostrou-se bastante ressaltado entre seus alunos e alunas fora, também, a forte recorrência de bullying. Isso o incomodava, afinal, quase sempre as chacotas eram relacionadas a características físicas de outras pessoas. E dentro do processo de bullying existe uma arma tão ruim quanto as palavras sendo mal utilizada: o riso.

A primeira ação de Lincoln foi imaginar um modo de tratar do riso de forma lúdica e imersiva. Dessa maneira, lembrou-se de suas pesquisas advindas da graduação e decidiu trabalhar com as mesmas práticas que já vinha investigando. Começa a surgir, então, o projeto pedagógico “O Riso de Quem?”.

Em uma primeira etapa, o professor provocou os estudantes a uma conversa acerca do riso. Afinal, o que é o riso? Porque se ri? Quais as explicações científicas do riso? Será que pode-se rir de tudo e todos? Há coisas das quais não podemos rir? Porque? Essas e outras questões foram sendo debatidas para começar a apresentar a temática que seria trabalhada pelas turmas durante aquele trimestre.

Daí em diante iniciou-se o processo de explicação de como as práticas seriam conduzidas nas próximas aulas. Lincoln apresentou para os estudantes o *Role Playing Game* (RPG). Para aqueles que já conheciam o jogo da cultura pop tudo foi muito simples, porém, para quem não tinha contato nenhum, uma explicação bem detalhada deu conta de elucidar as dúvidas recorrentes.

Eu também busquei conceitos acerca do RPG e das outras teorias utilizadas pelo professor no projeto. Preenchi um esquema simples para entendermos quais as principais fontes teóricas que Lincoln utilizou durante a realização das práticas, ao lado:

## Bate-Papo

Que tal conversarmos sobre “o Riso”?

- O que é o riso?
- Do que e porque rimos?
- Há alguma explicação científica para isso?
- Há alguma proibição para o riso?
- Do que e porque não se pode rir?

Nesta prática, a ideia é levar mais perguntas do que respostas para a sala de aula. Os estudantes devem gerenciar as questões e discuti-las entre si. Podem ser discutidas abertamente ou em grupos, para posterior socialização.

Fantasia e  
Imaginação

Role Playing  
Game (RPG)

Drama Processo

Dramaturgia de  
Martins Pena e  
período histórico

## Fantasia e Imaginação

A fantasia não coincide com a invenção de soluções para problemas conhecidos e bastante limitados. Quando os irmãos Wright – Wilbur e Orville – enfrentam o problema do voo com um meio mais pesado que o ar, dão provas de imaginação (e tenacidade), mais que de fantasia, gerando, assim, uma sucessão de inovações tecnológicas que ainda não foi aplicada. (LEGRENZI, 2013. p. 20.)

Fiz algumas buscas a partir das fontes deixadas pelo professor. Assim entendi o que cada uma das teorias queria dizer. A começar pela “fantasia e imaginação”, Lincoln buscava em Paolo Legrenzi (2013) os seus conceitos sobre os termos. Para o autor, a imaginação é relacionada a um tipo de função resolutória de problemas e outras questões. Imagina-se soluções a partir do real, em aplicabilidade *no* real. Já a fantasia lida com a **suspensão da realidade**, sendo a capacidade de gerar novos universos, baseando-se na realidade, mas estando fora dela.

O segundo conceito é o de *Role Playing Game*: o RPG. Este se resume de maneira simples, e foi buscado a partir das referências de Ricardo Ribeiro Amaral (2013) e Sonia Rodrigues (2004): consta de um jogo de contar histórias. Há variadas formas e sistemas de RPG, portanto pode-se jogar sozinho ou acompanhado (que é a forma mais divertida) de outras pessoas. É um jogo que busca ativar a coletividade e a fantasia, afinal, lida com a capacidade criativa inerente a cada ser humano.

## *Role Playing Game* (RPG)

O *Role Playing Game* é uma brincadeira de contar histórias. Mas uma brincadeira levada a sério por seus jogadores. Nesse jogo, todos os participantes devem ajudar a construir uma história, a qual se dá o nome de aventura. Na maioria das vezes, cada jogador é responsável por um personagem da aventura. Assim, ele deve falar pelo personagem, informar a ação que ele deseja fazer, e buscar atingir as metas daquele personagem que está sob seus cuidados. (AMARAL, 2013. p. 9)

## Drama Processo

Ao fazer teatro/drama, entramos em uma situação imaginária – no contexto da ficção. A aprendizagem decorrente emerge dessa situação e do fato de termos de responder a ela, realizar ações e assumir atitudes nem sempre presentes em nosso cotidiano. Como consequência, não ficamos restritos ao contexto “real” da sala de aula, nem a excursões ocasionais. Nós podemos operar em qualquer contexto. (CABRAL, 2006. p. 12)

O próximo conceito tem a ver com a pedagogia do Teatro: o Drama Processo. Ele foi trazido por Lincoln à luz de Beatriz Cabral (2006). O drama processo trata-se de uma metodologia utilizada em criação de espetáculos que, a autora transpõe para a prática em sala de aula. Utilizando-se da fantasia do estudante, propõe situações problema em que este deve imergir na cena, atuando enquanto personagem e discutindo as suas ações a partir do fazer teatral.

Por fim, uma das principais fontes para a execução do projeto foram as dramaturgias de Martins Pena, colhidas gratuitamente na internet. O autor fora o maior comediógrafo nacional do período imperial brasileiro, e seria de grande valia para discutir o riso na história do nosso país, por isso a escolha de Lincoln por usar as dramaturgia de Martins Pena como mote para o enredo da aventura “O Riso de Quem?”. Ao todo, o professor escolheu quatro peças: “O Juiz de Paz na Roça”, “O Terrível Capitão-do-mato”, “O Namorador” e “O Judas em Sábado de Aleluia”.

## Dramaturgia de Martins Pena e período histórico

Martins Pena (1815-1848) foi o maior comediógrafo do Brasil Império. Sua obra, composta por 30 peças, das quais 22 são comédias, retrata a vida cotidiana de pessoas comuns do Rio de Janeiro. Produzida entre 1833 e 1847, anos que abrangem o final da Regência e o início do Segundo Reinado, ela documenta um período marcado por grande crescimento urbano da capital do Império. (DOMINGUES, 2016)

Tendo em mãos as suas principais fontes teóricas, iniciou-se a próxima etapa do projeto com os estudantes: a criação das personagens. Depois de explicar-lhes do que se tratava o RPG e suas mecânicas, Lincoln solicitou que cada aluno e aluna construísse um personagem nascido no século XIX. O recorte histórico era importante para ajudar na construção das características das personagens geradas. Ele também deixou explícito que a história que criariam juntos se passaria no Brasil, e recomendou o estudo do período imperial para que a fantasia pudesse estar cada vez mais aguçada.

### Criação de Personagens

Etapa importante do processo, pois aqui o estudante tem a liberdade de utilizar sua fantasia para criar a persona que irá defender durante as próximas práticas.

Algumas dicas são:

- Deixar o estudante livre para decidir as características da personagem.
- É possível delimitar algumas características espaciais e/ou temporais, para afunilar as ideias (ex. a aventura se passa na Revolução Francesa)
- O estudante deve se identificar com o seu personagem.

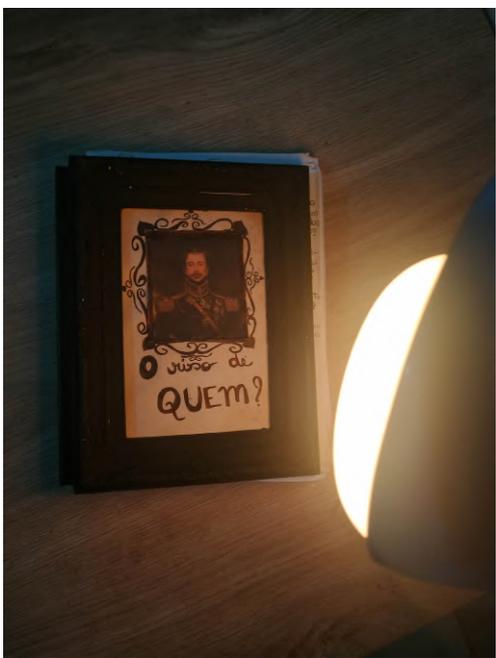
Em seguida à criação de personagens houve uma revisão dos dados para que todos e todas pudessem estar entendidas sobre o que viria a seguir. Irei resumir:

Lincoln atuaria como o narrador da história. Ao mesmo tempo, era ele quem interpretava qualquer personagem que não fosse de um dos estudantes. Sendo assim, cada um lidava com sua personagem e respondia por ela em cena. Era importante experimentar uma voz ou sotaque diferente para que não fosse confundida a voz do estudante com a voz da personagem. Durante as aulas, juntamente com o professor, eles jogariam a aventura de RPG proposta, ao mesmo tempo em que experimentariam interpretar as cenas através do drama processo. Tudo isso sendo mediado pelo professor-narrador.

Mas afinal, do que se trata a aventura “O Riso de Quem?”? Como aconteceu, na prática, o processo com o drama e o RPG em sala de aula, aplicada por Lincoln? Esse é o conteúdo da próxima etapa desse relato.

## RELATOS DE INVESTIGAÇÃO

A partir de então, busquei analisar os registros que foram desenvolvidos pelos estudantes durante a prática. Através deles, pude descobrir qual o enredo que se seguiu na aventura “O Riso de Quem?”, e como aconteceu o contato com as dramaturgias de Martins Pena, como sugeriu o professor.



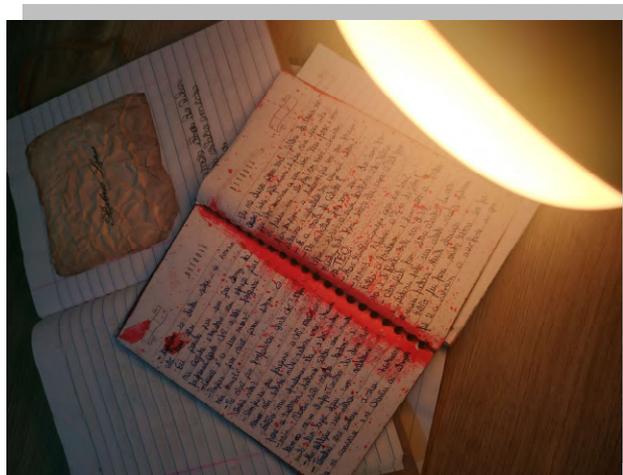
(Imagem 2 – Capa de diário de bordo.  
Foto: Lincoln Aguiar, 2020)

descrições tinham relação maior com o que acontecia em sala de aula. O texto segue como: “nesta aula trabalhamos sobre...” ou “nesse episódio o professor nos trouxe...”. A liberdade na construção dos diários aguçou ainda mais a fantasia dos estudantes.

Mas vamos à história: a ambientação se passava no fim do período imperial brasileiro. As grandes elites e alguns membros da família real portuguesa pressionavam a independência do país. A escravidão ainda existia de maneira explícita, porém, haviam negas e negros não escravos em outras situações de vida. É o caso de Francisco de Paula Brito, um dos personagens controlados por Lincoln. De Paula Brito, ou Paula Brito, como alguns registros costumaram chamar, foi um personagem real da história do nosso país que o professor transpôs para a aventura desenvolvida em sala de aula. Para dar início à história, e unir os personagens criados pelos estudantes num só lugar, era necessária uma motivação. E esta, foi disponibilizada por Paula Brito, em uma carta que convidava cada uma das personagens a se reunirem na “VII Tribuna da Neo-côrte Regencial Brasileira”, da qual era escrivão, no Rio de Janeiro. Paula Brito falava em nome do imperador, e

O registro das atividades aconteceu através da confecção de diários de bordo. Os estudantes ficaram livres para decidir como seria a estética do diário, podendo, inclusive, utilizar variadas formas de escrita durante a construção. Por exemplo: uma das estudantes iniciou a escrita do relato da sua personagem em primeira pessoa, porém, em determinado momento a tinta da caneta que ela usava acabou-se, fazendo com que a mesma utilizasse outra cor no texto. Para resolver a estética, ela manteve o estilo de duas cores, fazendo com que a sua personagem assumisse que sofria de transtorno de bipolaridade.

Já outros registros foram feitos a partir da visão do próprio estudante, dessa forma, as



(Imagem 3 – Diário de bordo com  
estética de manchas de sangue. Foto:  
Lincoln Aguiar, 2020)

explicava que havia um temor acerca de alguma retaliação organizada de escravos negros, a partir de uma carta interceptada nas mãos de uma escrava em fuga.

Esse recurso é chamado de **pré-texto**. Ele é utilizado no drama processo para servir de mote à ação. Ou seja, a partir dele os estudantes serão instigados a participar da construção narrativa. Há variadas formas de construir o pré-texto, seja por uma carta, vídeos, fotos, textos diversos, etc.

A partir daí a aventura de “O Riso de Quem?” começa a tomar forma. Um dos registros conta o seguinte texto:

*“Hoje recebi uma carta, o que é extremamente estranho, eu nunca recebo cartas. A carta se trata de uma convocação do Rio de Janeiro – o que é ainda mais estranho porque não conheço ninguém de lá – a carta foi escrita por um cara chamado De Paula Brito [...]”*

## Pré-texto

O pré-texto é a forma como a atividade ou o tema é introduzido ao grupo, a fim de envolvê-lo emocional e intelectualmente com o processo. O pré-texto vai ativar e dinamizar o contexto e as situações do Drama, sugerindo papéis e atitudes aos participantes, além de apresentar os antecedentes da ação e propor o engajamento do grupo nas tarefas e papéis necessários ao desenvolvimento da narrativa (DESGRANGES, 2010, p. 125-126).



(Imagem 4 – Ficha de Personagem. Foto: Lincoln Aguiar, 2020)

*Fui convocada junto com alguns amigos ‘de trabalho’, dentre eles lá estavam minhas grandes amigas: Cecília e Alex. Nós fomos convocados para uma tal de investigação, pela quantidade de pessoas seria algo complicado. Nos apresentamos e pude analisar bem cada pessoa daquela sala. Ao fundo da sala pude perceber um homem branco que, por sua vez, estava rindo de algo, mas decidi ignorar.*

*Depois de um tempo eu ainda estava presa naquela Tribuna. Achei que seria algo breve, mas não foi. Uns minutos depois o homem branco apareceu novamente e trouxe junto consigo uma ruma de papel que foi entregue ao De Paula Brito. [...] (Registro da personagem Jane Hont’mann)*

Um detalhe interessante é que as escolhas dos estudantes realmente definiam o seu caminho individual na história, mesmo sendo a maioria das decisões coletivas. Portanto, algumas pessoas decidiram não ir até o Rio de Janeiro encontrar Paula Brito, o que exigiu do professor uma abordagem diferente para essas personagens. Claro, é possível que a história siga em vários caminhos, já que está sendo construída coletivamente. Continuando a aventura: as personagens que decidem responder ao escrivão o encontram e conhecem o “homem branco do fundo da sala” também, seu nome é Carlos, assistente do local. Nesse mesmo espaço elas percebem uma escrava a trabalhar.

De Paula Brito conta a verdade sobre a convocação e revela que o que realmente o assusta é uma outra carta que havia recebido na Tribuna. Nela, uma pessoa de codinome “Teo” ironiza acerca de uma estranha situação ameaçadora, logo após saberem do assassinato de um Juiz de Paz, no interior do estado.

*“Exímio Senhor Francisco de Paula Brito. Escrevo-lhe esta carta para dizer que o Rio de Janeiro vai ser pintado de sangue, mas, não precisa se preocupar, pois não será sangue do nosso povo negro, a não ser que o senhor o queira. Esta carta tem um objetivo bastante incomum. Lhe contarei uma anedota: ‘certo Juiz de Paz comandava uma aldeia pela barriga. Enquanto o povo morria de fome, ele ganhava todo o alimento por tributos. Um dia, um criado de seu melhor aldeão bateu à sua porta e pediu-lhe o que comer. Ele, claro, recusou, e o criado disse: pois que o senhor se empanturre esta noite. O Juiz causou mais deboche para o criado e bateu a porta. Veja a ironia: o Juiz se empanturrou, mas amanheceu morto e engasgado com sua própria comida roubada’. É incrível, não? Bem... se o senhor não espera mais nada de mim, apenas aviso que estou começando. Passar bem, Teo.” (Primeira carta de Teo à Paula Brito)*

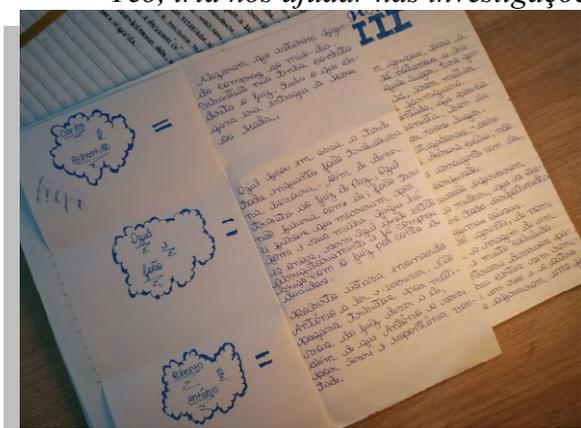
Essa ameaça levou o escrivão a convocar os investigadores mais conhecidos para descobrir quem, na verdade, é “Teo”. E para iniciar as investigações, coordenou a operação com aqueles que quisessem participar. Com o aceite das pessoas que estavam presentes, Paula Brito indicou duas ações: um grupo daria uma olhada no local do crime e conversaria com os principais nomes suspeitos, enquanto um outro grupo permaneceria na Tribuna, caso algo novo aparecesse.

*“Francisco de Paula Brito chama algumas pessoas para a cena do crime, eu não quis ir, fiquei na tribuna com Carlos e com outros convidados. Quando eles saíram, chegou um homem ofegante, chamado Martins Pena, com uma carta em sua mão, que dizia que Teo era o assassino.*

*Fizemos as seguintes perguntas: você tem alguma informação sobre esse ‘Teo’? Onde você encontrou essa carta? Você poderia ficar para nos ajudar nessa investigação? Martins respondeu às perguntas que nós fizemos de forma clara e simples, dizendo que não tinha informações sobre Teo, e falou também que ele tinha recebido essa carta em sua casa, e sobre a última pergunta [...] ele disse que não poderia ficar, por conta do seu trabalho. Mas ele tinha trazido um homem chamado Getúlio que tinha alguns papéis em sua mão com textos escritos por Martins, que segundo Teo, iria nos ajudar nas investigações” (Registro da personagem **Isabela Abulquerque**)*



(Imagem 5 – Diário de Bordo. Foto: Lincoln Aguiar, 2020)



(Imagem 5 – Esquema de investigação do caso do Juiz de Paz. Foto: Lincoln Aguiar, 2020)

Enquanto na Tribuna os investigadores conheciam Martins Pena, na cena do crime do assassinato do Juiz de Paz, eles conheciam 6 personagens importantes para a trama: **Carlos** e seu escravo **Sebastião**; **Oziel** e seu escravo **João**; e **Roberto** e seu empregado **Antônio**. Aqui também conhecem **Maria**, uma escrava indígena que ajuda nas investigações citando o nome de **Mada**, e dizendo que ela era uma das pessoas que trabalhava para o Juiz de Paz. Mada só é um nome conhecido graças à carta interceptada por Paula Brito, na qual o destinatário tem exatamente esse nome.

No retorno à Tribuna, as informações são trocadas entre as personagens. Esse é um recurso utilizado recorrentemente por Lincoln para que os estudantes articulem a capacidade de dedução e explicação, afinal, como duas ações aconteceram em locais diferentes, um grupo tem informações diferentes do outro, e podem praticar, através da interpretação das personagens, a síntese e explanação do assunto.

O grupo que conheceu Martins Pena divide os textos do autor entre todas e todos. O primeiro passo a partir daí, portanto, é ler o texto dramático para encontrar alguma conexão com o assassinato cometido. Nesse meandro, descobre-se que as características do Juiz de Paz do texto do dramaturgo eram parecidas com as do juiz que fora morto. Paula Brito deduz que talvez seja necessário ler outros textos de Pena para tentar prever as próximas ações de Teo e, assim, capturá-lo.

*“Fomos até a casa de Martins Pena e lá conseguimos alguns textos. Foram eles: ‘O terrível capitão do mato’, ‘O judeus em sábado de aleluia’ e ‘O namorado’. Então, decidimos nos juntar para ler os textos.” (Registro da personagem **Luana Lale Castilhano**)*

Esse é o mote para que os estudantes tivessem contato com os textos produzidos por Martins Pena no Brasil do século XIX. Com cópias em mãos, o professor distribuiu os textos pelos participantes e foram divididos três grupos de estudo. Com a premissa da aventura, o estudo das dramaturgias foi contemplado com muito mais atenção dos estudantes do que se o professor tivesse trabalhado cartesianamente com textos tão antigos. Depois da análise dos textos, três novas possibilidades foram abertas. Lincoln provocou os estudantes a presumirem quem seriam as novas vítimas e como ou porque elas seriam atacadas. Isso estava dentro de cada texto escrito por Martins Pena.

Mas nesse ponto eu me perguntava sobre os estudantes que nunca foram à Tribuna respondendo ao chamado. Encontrei, também, relatos relacionados à essas personagens. Elas receberam um segundo convite, dessa vez pessoalmente. Algumas pessoas aceitaram na segunda chamada, porém, outras não. Foi então que o professor desenvolveu uma história própria para elas e as apelidou de “mercenários”.

*“Agora novamente recebi um chamado de Paula Brito, mas eu, de minha vontade, achei melhor não comparecer. Não quero me envolver nesse assunto sem ganhar nenhuma recompensa. [...]”*

*3º episódio: Recebi uma proposta de Joaquim Paiva Neves para desvendar um assassinato de seu capitão-do-mato, chamado Calixto. E isso por uma recompensa de 200 mil réis para quem encontrasse o assassino. Resolvi aceitar a proposta.” (Registro da personagem **Vitória**)*

Aqui temos uma nova figura na aventura: **Joaquim Paiva Neves**, um grande fazendeiro escravocrata que teve seu “capitão-do-mato” morto. Os estudantes restantes aceitaram

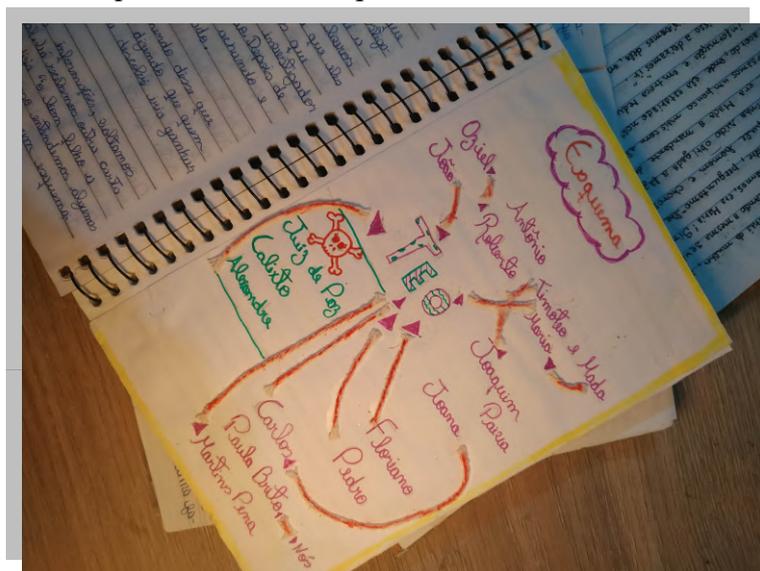


(Imagem 6 – Esquema de investigação do caso do Juiz de Paz. Foto: Lincoln Aguiar, 2020)



Nesse registro pode-se perceber, também, que Maria não fora presa. Logo, podemos ter vários caminhos para a mesma aventura. Sem mais nos alongar, seguimos.

Com os principais suspeitos em cena, o grupo descobriu, junto a Joaquim Paiva e os mercenários, que ele desconfiava de um ex-escravo rebelde de suas terras chamado **Timóteo**, que fora vendido para **Roberto**. Na casa de **Roberto**, os investigadores também descobrem que **Timóteo** gostava bastante de ler e era culto, tendo predileção pelas obras de Martins Pena. O grupo recebe, então, uma última carta de Teo, que diz como frase de efeito que “voltará à casa do Pai”. Paula Brito indica, assim, mais uma ida à casa de Joaquim Paiva Neves, primeiro senhor de Timóteo.



(Imagem 9 – Esquema geral dos suspeitos. Foto: Lincoln Aguiar, 2020)

“Depois dessa mera confusão, fomos para a casa de Joaquim, afim de investigá-lo. Assim que chegamos lá estava cheio de pessoas, uma verdadeira confusão. Foi então que trancaram todos dentro de casa, e olha só, lá estava Joaquim Paiva, Antônio, Oziel, João e Roberto.

Roberto que não é besta nem nada, liga os fatos e imediatamente grita por Joaquim. Joaquim estava lá, sentado, quando de repente morre. E logo aparecem suspeitas de que o

mesmo havia morrido envenenado. Eis a questão agora: por quem?” (Registro da personagem **Luana Lale Castilhano**)

Neste ponto Paula Brito prende todas as pessoas dentro da casa de Joaquim Paiva e dá a certeza de que o assassino está ali dentro.

“De imediato De Paula Brito proíbe a saída de qualquer pessoa daquela sala e afirma que o assassino estava entre nós. Não conseguia sentir minhas mãos, o momento era pavoroso. Até que são feitas duas acusações, só que antes de mais ações ouvimos uma risada do tipo irônica. Quando olhamos para o canto da sala vimos **Antônio** e ele nos diz:

- ‘Caros amigos, após tantos crimes venho a declarar que Teo já está bem longe daqui e que a morte de Joaquim é a prova de que escravos também se vingam. Eu fui o arquiteto de todos os crimes, o meu objetivo era fazer justiça à história de Teo (Timóteo), que foi um exemplo dos maus tratos aos negros escravos e que hoje estão tendo justiça. E eu lhes pergunto: agora o riso é de quem?’” (Registro da personagem **Carmem da Silva**. Grifos meus)

Sim... no fim da aventura o grande criminoso aparece e se explica para todas as pessoas presentes. Porém, nesse relato fiz o processo de resumir ao máximo às informações que

foram repassadas. Em suma: o plano de **Antônio**, um empregado assalariado negro de Roberto era fazer justiça em nome de **Timotéo (Teo)**. Antônio conhecera Teo no momento em que este fora comprado por Roberto, nas mãos de Joaquim Paiva Neves. Calixto maltratava Teo por ser bastante rebelde, e ele era um príncipe africano que foi retirado de sua terra e separado de sua mãe no Brasil, vindo viver como escravo. Depois de ouvir a história de Teo e de seu amor por Mada, Antônio resolveu levar seus ideais de vingança à frente, e salvou o casal, garantindo o retorno seguro à África, ao mesmo tempo em que executava cada uma das vinganças, desde o patrão soberbo de Mada (o Juiz de Paz) até o capitão-do-mato Calixto e seu patrão escravocrata.

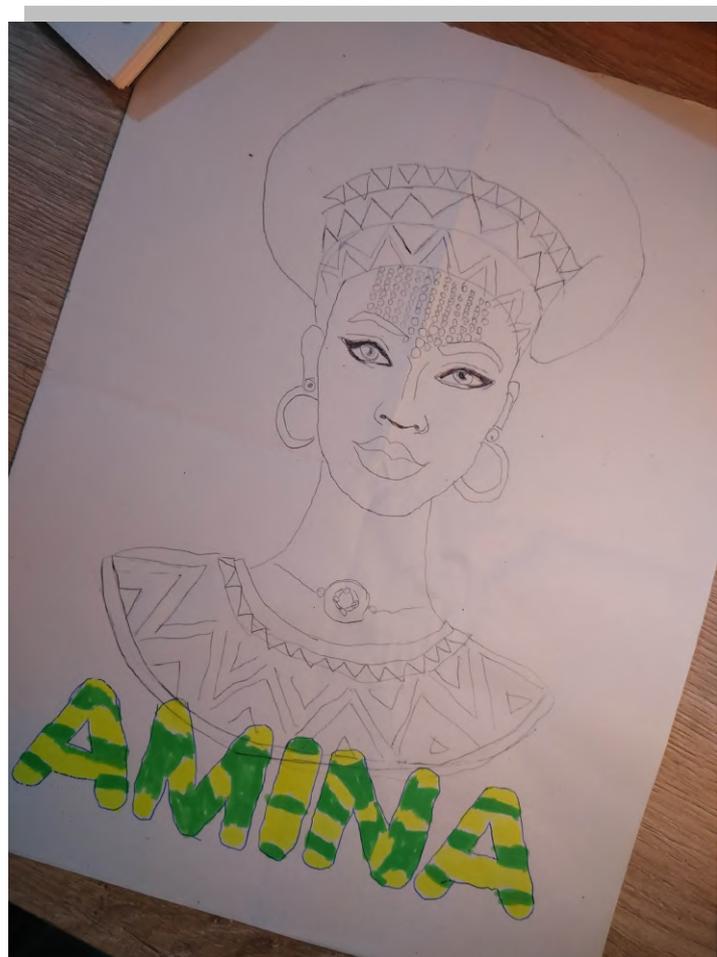
Mas se você imagina que esse seja o único final possível para a aventura, engana-se. Lincoln se deparou com um desafio: uma das quatro turmas em que aplicou a atividade, ralentou o ritmo de investigação e, em conversas de corredor, descobriu antecipadamente que, nas outras três salas de aula, Antônio havia se revelado o grande assassino. Foi então que o professor teve de gerar um novo final para a turma específica.

*“Fomos até a casa de Joaquim Paiva, o então ‘dono dos escravos’, para mais uma investigação – acho que a última investigação. Olhamos praticamente todos os cômodos da casa de Joaquim, mas não encontramos nada suspeito. A frustração era muito grande, até que tivemos uma surpresa: Joaquim fora envenenado.*

*Duas moças apareceram para explicar algo. A mais velha era a faxineira da Tribuna, a mais nova era Mada, ou Madalena. Elas disseram que ‘Teo’ não era uma, mas sim várias pessoas que se juntaram para um único propósito: vingança. O assassino já não estava e nosso meio, ele já se encontrava bem longe. Esse Teo ou Timóteo era um homem esperto. Ele esteve conosco, se passando por um carteiro, esteve bem perto e nós nem imaginamos que poderia ser ele. Duas pessoas foram presas, mas as duas mulheres negras conseguiram ir embora.*

*Não é sempre que ganhamos, perder também faz parte. Mas sempre devemos aprender com os erros, para que no futuro jamais possamos os cometer novamente.” (Registro da personagem **Jane Hont’mann**)*

Esse final alternativo surgiu na mesma base que o anterior. É notável, também, que pode-se explorar muitas outras possibilidades de desfecho para as aventuras. Claro, tudo depende de como os estudantes irão se comportar a partir dos episódios jogados. Por isso, Lincoln sempre aguardava a prática acontecer para desenvolver a próxima, semanalmente.

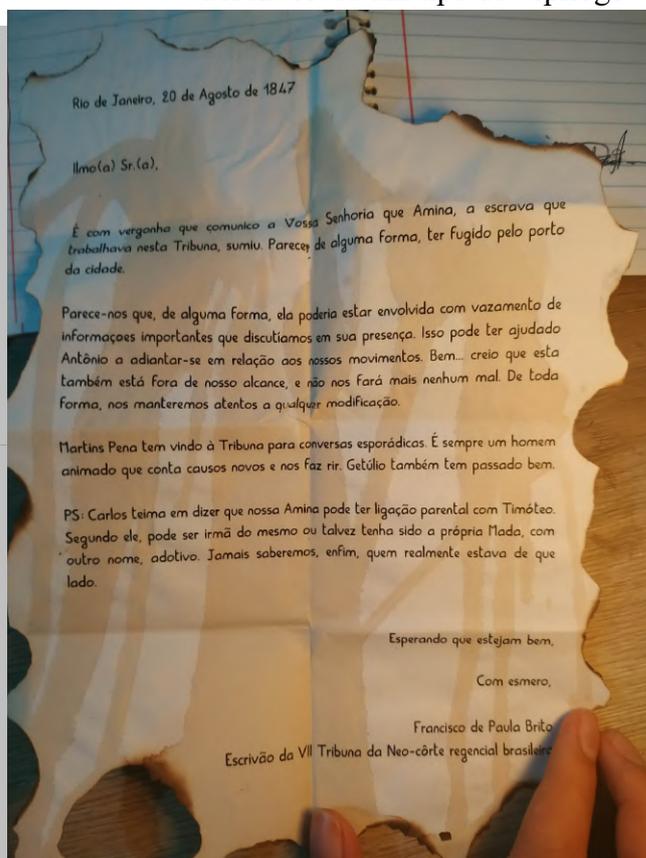


(Imagem 10 – Desenho de Amina, mãe de Teo.  
Foto: Lincoln Aguiar, 2020)

Exemplo disso é o fato de que alguns locais e situações foram adicionadas à história sem que o professor tivesse premeditado isso, e sim por iniciativa dos estudantes. Em determinado momento, uma das personagens resolve investigar a casa de **Roberto**, que encontra-se fechada. Não vendo lugar por onde entrar ela decide subir no telhado para procurar uma entrada. O professor decidiu, aqui, usar uma regra básica do RPG conhecida com “teste”, na qual o jogador lança um dado e o mestre-narrador atribui um valor mínimo a ser alcançado para que a ação que a personagem quer executar aconteça realmente na história (como se ela precisasse tirar no mínimo 3 no dado para alcançar sucesso na sua subida no telhado). Isso é interessante pois não atribui o juízo de valor da ação ao professor que narra, já que o resultado vem ao acaso, por sorte no dado.

No caso da personagem que tentou subir no teto, não houve o alcance do número mínimo estipulado pelo professor, o que acarretou numa queda que a deixou desacordada até o final da história. Sempre podem existir consequências particulares das escolhas de cada uma das pessoas responsáveis pelas personagens.

Na primeira versão do fim da aventura, para o encerramento da etapa prática, Lincoln desenvolveu um tipo de “epílogo” para não pôr um ponto final completo na história.



*“Algum tempo depois, voltamos às nossas vidas e rotinas... até que recebemos uma nova carta, onde estava escrito que Amina, a escrava da Tribuna, fugiu. Então nos perguntamos, caro leitor: será mesmo o fim dessa história?” (registro da personagem **Luana Lale Castilhana**)*

Enfim, a aventura “O Riso de Quem?” promoveu a interação entre as turmas, e entre os estudantes. O professor fez várias pausas durante a prática para revisar dados, nomes e temas acerca da investigação, que foi bastante complexa, apesar de tudo. Tudo o que precisava ser resolvido poderia sê-lo dentro da história, como o exemplo das personagens “mercenárias”, que se uniram às investigações mesmo que com interesses distintos. Os diários de bordo contém relatos diversos, desde os mais simples e resumidos aos mais complexos e detalhados. Algumas personagens possuíam histórias de fundo incríveis, e várias características específicas.

(Imagem 11 – Carta final de Paula Brito. Foto: Lincoln Aguiar, 2020)

Em resumo, a aventura foi envolvente e me chamou a atenção assim como, creio, provocou aos estudantes que trabalharam com o professor Lincoln durante esse

período. Daqui em diante sigo com algumas palavras finais, e reflexões acerca da documentação encontrada. Assim como explico algumas conclusões e pensamentos de Lincoln sobre a prática com o 9º ano.

## O SALTO PELA JANELA

É Gianni Rodari (1982) quem joga com a metáfora do “salto pela janela”. É uma referência utilizada por Lincoln para tratar da potencialidade da fantasia em sala de aula.

### Salto pela janela

A casa de campo do avô de Lênin surge perto de Kazan – capital da república autônoma dos tártaros –, sobre uma pequena colina aos pés da qual, trazendo a passei seus patos, corre um riachinho caucasiano. Um belo lugar, onde bebi bom vinho com meus amigos tártaros.

Uma das paredes da casa, com três grandes janelas, dá para o jardim. Os rapazes, entre os quais Volodja Uljanov, o futuro Lênin, entravam e saíam da casa muito aís pela janela que pela porta. O sábio doutor Blank (pai da mãe de Lênin), em vez de se aborrecer e proibir aquele inocente divertimento, colocou robustos bancos sob as janelas, para que os rapazes, no seu vaivém, pudessem servir-se deles sem correr o risco de quebrar o pescoço. Parece-me um modo exemplar de se colocar a serviço da imaginação infantil.

Com as estórias e os procedimentos fantásticos para produzi-las, estamos ajudando as crianças a entrar na realidade muito mais pela janela que pela porta. É mais divertido, e portanto mais útil. (RODARI, 1982. p. 30)

Rodari conta a história do “avô de Lênin”, que auxilia o salto mais curto (pela janela), fazendo com que seus netos não se machuquem. É uma metáfora para o papel do professor, que tem a função de auxiliar com o suporte necessário para a fantasia e a imaginação dos estudantes.

Numa processo como o do projeto pedagógico desenvolvido por Lincoln, ter a visão do avô de Lênin é necessária para que a prática seja cada vez mais efetiva e prazerosa. Imagine o que aconteceria se o professor, ao ser confrontado com a vontade de uma personagem em não comparecer à Tribuna, podasse a ação e dissesse que não há escolha. Seria como trancar a janela e obrigar o estudante a passar pela porta, apenas para manter o conforto da narração da aventura. Ao invés disso, a atitude mais importante é a de buscar o suporte necessário para

que o estudante possa dar o seu “salto pela janela” e encontrar o caminho mais rápido para exercitar ainda mais a sua fantasia.

Dentro do processo de “O Riso de Quem?”, houveram respostas de estudantes que se identificaram de pronto com a prática e fantasiaram juntamente com o professor. Nesse caso, a interpretação das personagens era levada à sério. Suas decisões tinham a ver com suas ideias e crenças, e não com o/a estudante que a controlava. Por outro lado, havia também aqueles que não se sentiam muito confortáveis em interpretar a personagem à risca, e estar em cena não poderia ser uma obrigação, claro.

Ao final da prática, Lincoln colheu, através dos diários de bordo, pontos positivos e negativos. Com eles, o professor poderia, futuramente, repensar em novas práticas aplicadas a outros contextos, como, por exemplo, o Ensino Fundamental I ou o Ensino Médio.

Segue abaixo uma tabela desenvolvida por Lincoln, constante nos arquivos que analisei e nos diários de bordo dos estudantes:

Principais pontos positivos	Principais pontos negativos
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Incentivo e prática da criatividade;</li> <li>- Exercício da paciência;</li> <li>- Exercício da leitura;</li> <li>- Trabalho em equipe;</li> <li>- Aperfeiçoamento da produção textual;</li> <li>- Maior união das turmas;</li> <li>- Praticar a atenção;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tema bastante mórbido (muitas mortes);</li> <li>- História muito longa;</li> <li>- Muitas pessoas ficaram confusas (alta complexidade da narrativa);</li> <li>- Alguns não compartilharam as ideias;</li> <li>- Rapidez (ter poucas aulas acarretava na aceleração do tempo e dificultava a compreensão);</li> </ul>

Nas percepções do professor foi evidenciado que o envolvimento da turma nos assuntos e conteúdos tratados durante a prática pedagógica aumentou bastante. O assunto percorria para fora da sala de aula, e a não resolução dos casos sempre mantinha os estudantes em ligação constante com a aventura.

A atenção dos estudantes era redobrada, pois ninguém queria perder nenhum detalhe. Porém, havia em alguns, também, o desinteresse pela temática e até mesmo pelo jogo. O gerenciamento desses casos por parte do professor é muito importante.

O tempo curto fez com que a aventura possuisse apenas 4 episódios, porém, em 100 minutos de aulas semanais era complicado contemplar um tema tão complexo quanto o desenvolvido por Lincoln. Há também, o fato de que o professor adicionou muitas personagens de “não-jogador” na aventura. Isso confundiu os estudantes em diversos momentos, fazendo serem necessárias as pausas para discussão, fora do jogo, sobre quais as ligações entre cada uma delas.

Nos pontos finais do registro, o professor Lincoln sugere uma sequência de etapas para o desenvolvimento de atividades como a realizada por ele em sala de aula, a saber: o “Pré-Jogo (I)”; “Pré-Jogo (II)”; “O Jogo”; e o “Pós-Jogo”. Segue ao lado um pequeno resumo das etapas sugeridas.

### Proposta de Etapas

Etapa I – Pré-jogo (I):

Num primeiro momento o professor deve reunir o maior número de referências e começar a montar o que seria o “universo” onde se passará a aventura. Os primeiros esboços aparecem aqui, assim como é desenvolvido o pré-texto e algumas possibilidades do enredo.

Etapa II – Pré-Jogo (II):

Nessa etapa o professor apresenta a ideia aos estudantes e lhes explica as dinâmicas do jogo de contação de histórias. Criação das personagens dos estudantes.

Etapa III – O Jogo:

Dividir a aventura em episódios, que vão sendo jogados e contados pelo professor-narrador em conjunto com os estudantes e suas personagens.

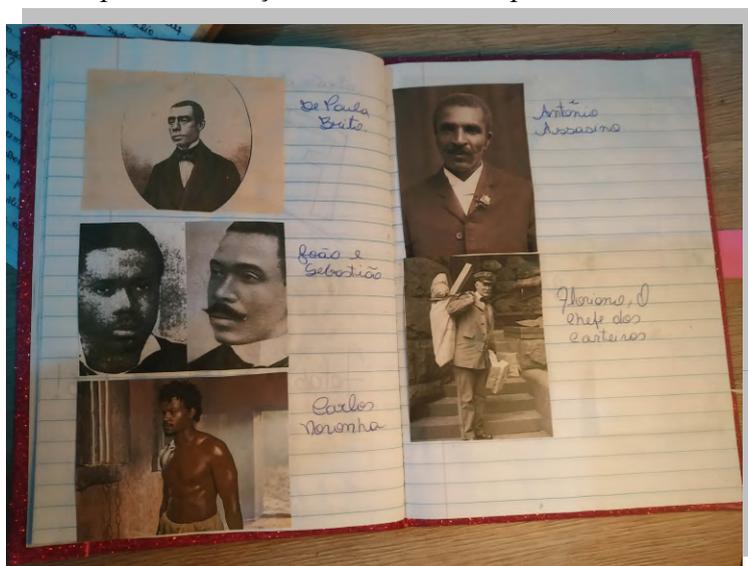
Etapa IV – Pós-Jogo:

Avaliação da aventura. Pode-se sugerir aos estudantes que gerem o epílogo de suas personagens.

Trabalhar com a dramaturgia de Martins Paiva passou quase despercebido pelos olhares dos estudantes, e é outro fator interessante de ser ressaltado. Textos dramáticos não são muito populares na educação básica – principalmente nos níveis do Ensino Fundamental –, portanto, o estudo dos textos foi realizado de maneira sutil, sendo necessário que o professor ressaltasse em algumas vezes, apenas, a existência real de Martins Pena em nossa história oficial.

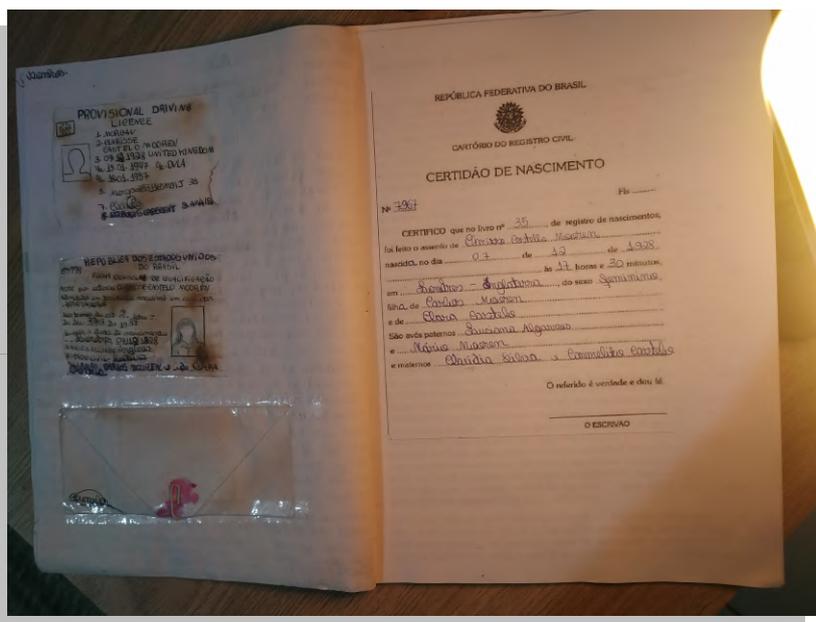
Por fim, trago ainda duas das avaliações transcritas em diários de bordo pelos estudantes, provando a efetividade do projeto pedagógico desenvolvido por Lincoln. Também seguem algumas imagens de diários de bordo diversos, fichas de personagens e outros detalhes que apreciei bastante durante minha visita à prática.

*“Bom, foi tudo muito legal, interativo e bem criativo, fez com que ativasse nosso lado investigador, curioso kk e comprometer a vários tipos de situações ao mesmo tempo. E além do mais, entrar no mundo da imaginação, porque mesmo não sendo demonstrado visualmente e pessoalmente fez com que a gente pudesse se sentir dentro da história. Foi tudo muito criativo e perfeccionista, parabéns.” (registro do diário de bordo da personagem João da Silva Abulquerque)*



(Imagem 12 – Imagens sugeridas para personagens. Foto: Lincoln Aguiar, 2020)

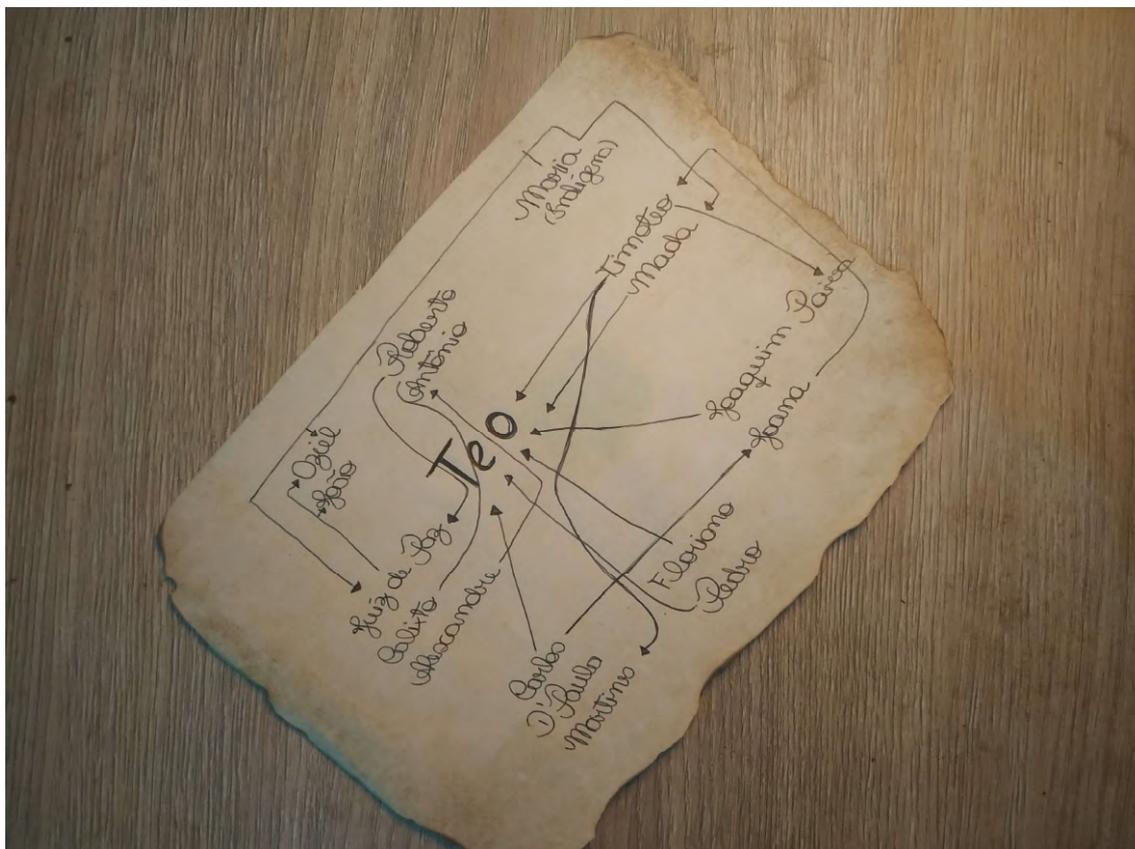
*“Querido professor, diante deste texto quero lhe dizer que sua criatividade no jogo foi incrível. Gostei de verdade. Continue assim, criativo. Gostei dos momentos de como participei dentro do jogo, e também das investigações. Alguns pontos positivos foi da interação como todos jogara, a disponibilidade para nós criamos os nossos próprios personagens, e também, o jogo me trouxe mais conhecimento e curiosidade, principalmente sobre as obras de Martins Pena.”*



(Imagem 13 – Ficha e outros dados da personagem no diário de bordo. Foto: Lincoln Aguiar, 2020)

*Um ponto negativo foi que as aulas só tem um horário, o que às vezes não dava tempo de terminar o que a gente queria. Enfim, alguma*

*sugestão é vocês simplesmente fazer aulas interativas como essa e também trazer a arte para nós aprendermos muit mais.” (Registro do diário de bordo da personagem **Mariana Delfina de Alcantara**)*



(Imagem 14 – Esquema de investigação de “O Riso de Quem?” retirado de um diário de bordo.  
Foto: Lincoln Aguiar, 2020)

Ter encontrado esses arquivos foi de grande valia para mim, afinal, é sempre bom compartilhar e aprender com experiências alheias. A proposta e o projeto pedagógico “O Riso de Quem?” dialoga com a pedagogia da imaginação, evoca a fantasia, coletividade, e criatividade – principalmente criatividade – das pessoas que participam do processo. Porque, então, apenas passar pela porta, se podemos saltar as janelas e descobrir novos mundos possíveis de visitar? Você está pronto para embarcar em novas aventuras? Porque eu, Matias, estou ao menos disposto. Até a próxima descoberta, desligo.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Ricardo Ribeiro do. RPG na escola: aventuras pedagógicas. Ed. Universitária da UFPE: Recife, 2013.

CABRAL, Beatriz. Drama como método de ensino. Ed. Hucitec: São Paulo, 2006.

DESGRANGES, Flávio. A pedagogia do teatro: provocação e dialogismo. 3. ed. Ed. Hucitec: São Paulo, 2011

DOMINGUES, Joelza Ester. O teatro de Martins Pena: a face popular do Brasil Império. Blog Ensinar História, 2016. Disponível em <<https://ensinarhistoriajoelza.com.br/o-teatro-de-martins-pena-a-face-popular-do-brasil-imperio/>> acesso em 28 de jul. 2020.

LEGRENZI, Paolo. A fantasia: os nossos mundos paralelos. Ed. Loyola: São Paulo, 2013.

RODARI, Gianni. Gramática da Fantasia. v. 11. Ed. Summus: São Paulo, 1982.

RODRIGUES, Sonia. Roleplaying game e a pedagogia da imaginação no Brasil: primeira tese de doutorado do Brasil sobre o roleplaying game. Rio de Janeiro; Ed. Bertrand Brasil, 2004.